

PARA ALÉM DA PEDAGOGIA DOS RESULTADOS: A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Jéssika Pâmela de Oliveira Pereira; Janaína Mirele de Lima Silva; Jamyle Paloma de Oliveira Pereira; Josivânia Nair de Souza.

Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: jessikappp123@gmail.com.

Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: jmirele12@gmail.com.

Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: jamylepaloma@gmail.com.

Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: josivaniamat@hotmail.com.

RESUMO

O objetivo geral do presente artigo é investigar se a avaliação tem sido utilizada como parte do processo de aprendizagem ou apenas como um meio de aferir o que foi aprendido numa instituição pública da Educação Básica localizada no Agreste pernambucano. Para tal finalidade buscou-se entrevistar duas professoras da referida. Nessa perspectiva, além da entrevista estruturada, foram utilizadas as técnicas de coletas de dados de conversas informais com outros professores da instituição e observação não participante. Mediante análise dos dados pudemos perceber que as entrevistadas têm consciência da importância da utilização da avaliação no processo de aprendizagem dos educandos. Entretanto, encontram-se limitadas pelas condições proporcionadas pela escola e por um sistema educacional que busca resultados numéricos que o satisfaça. Dessa forma, constatamos que embora sejam utilizados outros métodos, o exame ainda é o meio predominante utilizado para medir, e não avaliar, a aprendizagem dos educandos, mesmo este não considerando outros fatores que influenciam diretamente os resultados obtidos no momento da prova escrita.

Palavras-chave: Avaliação da Aprendizagem, Práticas Avaliativas, Concepções.

INTRODUÇÃO

A avaliação é uma tarefa didática e que faz parte do processo educacional, estando presente na prática docente. Na situação educacional atual, o termo avaliar tem sido distorcido, visto que a avaliação tem sido utilizada para notificar o que foi apreendido pelos alunos, ou seja, tem sido usado apenas para mensurar o desempenho dos educandos.

A prática avaliativa está estreitamente ligada à concepção de avaliação apoiada pelo docente. Caso o educador considere que o objetivo da avaliação é investigar o que foi aprendido, este o utilizará para este fim. Entretanto, se o professor acredita que avaliar é parte do processo de

aprendizagem, o educador utilizará como meio de proporcionar uma aprendizagem significativa para os estudantes.

O processo avaliativo é uma necessidade para que haja eficácia no processo de ensino e aprendizagem do aluno, porém o meio utilizado pelo professor para obter um diagnóstico eficaz pode ser bastante diversificado. Não há, portanto, como fugir da avaliação, entretanto esta deve ser pautada com base nos objetivos a serem alcançados quanto a um melhor aproveitamento escolar.

A avaliação tem sido limitada ao momento de prova escrita e, como consequência dessa limitação, o processo avaliativo tem se tornado excludente, uma vez que julga e seleciona, mas não considera a realidade e o cotidiano dos educandos. Tendo em vista essa realidade, faz-se necessário questionar: avaliar para aprender ou aprender para avaliar?

Nesse caminho, nosso estudo buscou verificar como as professoras de uma escola da Rede Estadual de Ensino, elegem qual seria a importância da avaliação no processo de aprendizagem dos discentes, tendo como referencial teórico os trabalhos de Luckesi (2011) e Silva (2004).

Deste modo, este trabalho tem como objetivo geral identificar se a avaliação tem sido utilizada como parte do processo de aprendizagem ou apenas como um meio de aferir o que foi aprendido numa instituição pública da Educação Básica localizada no Agreste pernambucano. E com objetivos específicos: a) Observar os métodos avaliativos utilizados e b) Verificar os objetivos a serem alcançados por meio de suas avaliações.

METODOLOGIA

Nessa pesquisa de natureza qualitativa, uma vez que tem como finalidade acessar o mundo subjetivo das professoras entrevistadas em relação à sua concepção de avaliação, ressaltamos que foram utilizadas as técnicas de coleta de dados: observação não participante, conversas informais e entrevista estruturada.

Nossa investigação ocorreu em uma escola da Rede Estadual, no Agreste de Pernambuco. A referida escola tem turmas do sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio. Além do fácil acesso às professoras, visto que uma das autoras deste trabalho estagia na instituição, a escola foi escolhida por ser uma instituição pública.

A pesquisa foi realizada com duas professoras da escola por meio de entrevista. Para a coleta de dados optamos por uma entrevista estruturada, que consiste em questionamentos elaborados anteriormente sem acréscimos de perguntas a partir das respostas obtidas, facilitando assim identificar as opiniões das entrevistadas em relação ao tema, sem interferirmos em suas respostas (GIL, 2008).

Também realizamos conversas informais com as educandas e a técnica de observação não participante, isto é, observamos as ações das professoras no cotidiano escolar a fim de analisar se as respostas dadas na entrevista coincidem com o que foi observado no dia a dia.

Cientes de que o meio interfere na formação do sujeito, optamos por iniciar os questionamentos com uma sondagem a fim de identificar quem eram nossas entrevistadas e em que meio elas estão inseridas. A partir disso indagamos sobre a profissão dos pais, religião, idade, formação, instituição e ano de graduação de ambas as entrevistadas.

As professoras entrevistadas são residentes no mesmo município da referida escola, entretanto, em um bairro de maior ascensão social. A professora A tem 37 anos e é filha de um motorista e de uma costureira, católica e graduada pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul (FAMASUL) em Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Matemática e Especialização no Ensino da Matemática. Enquanto que a professora B tem 33 anos, seu pai é agricultor e sua mãe é doméstica, é católica, além de possuir graduação em Licenciatura em Geografia pela FAMASUL desde 2007 e ser pós-graduada.

Nossa entrevista foi dividida em duas partes, sendo a primeira a sondagem pessoal mencionada anteriormente, enquanto a segunda compreende as perguntas relacionadas à concepção de avaliação e aos métodos avaliativos utilizados pelas entrevistadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aferir ou avaliar? De acordo com Luckesi (2011), a avaliação da aprendizagem alcança seu significado ao se articular com um projeto pedagógico, além de fornecer julgamentos quanto à aprendizagem dos estudantes, tendo como objetivo assegurar uma educação de qualidade. Diante disso, iniciamos a entrevista com o intuito de saber, de acordo com as educadoras, o que seria avaliação e se estava de acordo com o que defende os autores estudados.

Ao serem questionadas sobre qual sua concepção de avaliação, a professora A respondeu: “É necessária, vem mudando a concepção da maioria dos professores. Não se pede mais pra decorar e sim interpretar. Deve ser feita de mais de uma forma, nunca para punir indisciplina”. Enquanto a professora B disse que “Ela deve ser diária e contínua. É necessário que seja diversificada para dá oportunidades para o aluno alcançar uma expectativa desejável”.

A entrevistada A faz uma crítica ao modelo de avaliação comumente visto nas escolas, que pede aos educandos apenas para reproduzir o conteúdo como apresentado pelo professor. Crítica esta reforçada por Silva (2004, p. 27) ao colocar que: "o paradigma educacional produziu um ensino uniforme, padronizado, rígido [...] e uma aprendizagem mecânica, opaca, fragilizada e uma "avaliação" mensurada, classificatória, seletiva e punitiva".

Observe que na fala da entrevistada B, a avaliação é um meio que o educando possui de alcançar uma meta desejável, ou seja, uma nota necessária para que seja aprovado. Segundo Luckesi (2011), esta é a definição do conceito de aferição, isto é, mensurar a aprendizagem a partir da transformação dessa mensuração em nota. No entanto, ainda em sua fala pudemos observamos um lado positivo em relação à sua concepção de avaliação, visto que ela acredita que a avaliação deve ser feita de forma constante, não sendo limitada a apenas um momento ou a um único método avaliativo.

Logo após, questionamos o porquê delas considerarem importante avaliar a aprendizagem dos estudantes e, de acordo com a entrevistada A, é “para saber onde estão as dificuldades para tentar de alguma forma que o aluno aprenda”. Por outro lado, a entrevistada B diz que é “para identificar o que cada um aprendeu em relação ao conteúdo dado. Avaliar o desenvolvimento da aprendizagem”.

Na fala da entrevistada A percebemos que o intuito de suas avaliações é observar as dificuldades acerca dos conteúdos estudados a fim de possibilitar uma aprendizagem significativa dos assuntos trabalhados. Concepção essa defendida por Luckesi (2011, p. 77), ao afirmar que “o objetivo primeiro da aferição do aproveitamento escolar não será a aprovação ou reprovação do educando, mas o direcionamento da aprendizagem e seu consequente desenvolvimento”.

Todavia a entrevistada B defende que a avaliação tem como objetivo verificar o que foi apreendido pelos educandos. Dessa maneira, observamos que em nenhum momento de sua fala

identificamos a avaliação sendo utilizada como meio para proporcionar a aprendizagem, apenas como um procedimento de verificação.

Com o intuito de consolidar as expectativas causadas pelas respostas anteriores, nosso terceiro questionamento está relacionado aos tipos de avaliação utilizados pelas docentes. De acordo com a resposta fornecida, a professora A utiliza “avaliações de múltipla escolha, incentivando os cálculos, exercícios abertos para resolver em casa e também na sala, elaboração de questões, etc”. Conforme a resposta da professora B, a mesma utiliza a “participação nas atividades escritas e orais, exercícios em grupo, pesquisa e outros”.

O uso diversificado de instrumentos avaliativos importância é fundamental para que o processo de aprendizagem seja progressivo. Como afirmam Santos e Varela,

“Ao avaliar, o professor deve utilizar técnicas diversas e instrumentos variados, para que se possa diagnosticar o começo, o durante e o fim de todo o processo avaliativo, para que a partir de então possa progredir no processo didático e retomar o que foi insatisfatório para o processo de aprendizagem dos educandos” (2007, p. 2).

A partir da resposta da professora A observamos que a mesma não diversifica suas ferramentas avaliativas, ficando restrita a exames escritos de múltipla escolha e exercícios repetitivos. À medida que a professora B utiliza de ferramentas variadas, levando em consideração, por exemplo, a participação em sala de aula, além de trabalhos coletivos, fazendo com que o processo de aprendizagem seja mais dinâmico e contínuo.

Tendo em vista a realidade escolar atual, nosso questionamento seguinte foi se elas costumam corrigir as avaliações escritas com os alunos, para que os mesmos identifiquem seus erros e acertos, além de trabalhar as dúvidas que eles tiveram ao responder as questões. A entrevistada A disse que sim, “Sempre as corrijo no quadro. Pois acredito que também se aprende pelo erro, saber onde e porque errou”. Enquanto que a entrevistada B disse que: “Trabalho em escola pública e as salas são lotadas, por esse motivo as correções são orais com a participação do alunado. As provas divulgo o gabarito e também faço correção oral para eles entenderem as questões erradas”.

De acordo com Luckesi (2011), após a obtenção dos resultados da avaliação os professores têm três opções: a primeira é apenas o registro na caderneta, a segunda é uma nova oportunidade para os alunos que obtiveram uma nota considerada inferior e a terceira, mais rara atitude docente frente aos resultados avaliativos, é a observação das principais dificuldades dos educandos e a partir dessa observação decidir trabalhar com os alunos a fim de que os mesmos alcancem uma aprendizagem significativa.

A partir da análise, observamos que as atitudes das entrevistadas diante dos resultados apresentados pelos educandos aproximam-se da terceira opção apresentada por Luckesi (2011). Contudo, notamos a ausência de ações após a correção com o intuito de trabalhar as dificuldades constatadas, além da exigência, por parte da gestão, de trabalhos para melhorar as notas que ficaram abaixo da média.

No cotidiano escolar, pudemos constatar a veracidade das respostas obtidas. Foram presenciadas aulas nas quais ambas corrigiram suas respectivas provas com os alunos, além de exercícios trabalhados em grupo na aula da professora B, como afirmado pela mesma. Infelizmente, a realidade do sistema educacional, mencionada pela professora B, dificulta a possibilidade de uma avaliação continuada, como constatado em conversas informais com outros professores da instituição.

Para encerrar nossas indagações, perguntamos se, a partir dos resultados, elas costumam retomar os assuntos nos quais os estudantes apresentaram maiores dificuldades nas avaliações e ambas disseram que sim. Sendo que a professora A afirmou que “ainda que incluído a outro assunto mas reviso”, já a professora B explicou que “faço uma pequena revisão quando entrego as provas, mas terminou a unidade e inicio outros conteúdos exigidos. O sistema educacional e a grade curricular é muito extensão e propõem muitos conteúdos. À vezes temos que escolher os conteúdos, pois não tem como trabalhar todos, vai depender do acompanhamento e alcance de cada turma”.

A partir das respostas obtidas no questionário, percebemos que as professoras sabem qual a finalidade da avaliação e que precisam trabalhar com os alunos as dúvidas apresentadas. Entretanto, não conseguem praticá-la devido à realidade escolar e ao extenso currículo e, também, pela concepção do sistema educacional que acredita ser mais importante os educandos verem todo o conteúdo conforme programado, do que aprenderem os assuntos de forma significativa.



Como propõe Silva (2004), são esses fatores que fazem com que as crianças não queiram ir à escola e até percam a vontade de aprender, visto que o sistema educacional tornou-se desinteressante e cansativo, até mesmo para os professores.

CONCLUSÕES

Inquestionavelmente, as condições proporcionadas pela escola interferem de forma direta na avaliação dos educandos. Estes, muitas vezes, são vítimas de um sistema educacional que em nada os avalia, apenas aferem. Aos professores cabem as tensões e os desafios do modelo educacional atual. Aos alunos, as grandes cobranças que buscam, acima de tudo, resultados satisfatórios.

Considerando nossa análise, é evidente que as professoras questionadas compreendem os propósitos da avaliação e sua importância no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Entretanto, estas se encontram limitadas por um sistema que busca resultados numéricos que o satisfaça, isto é, notas. Elementos como tempo, grande quantidade de conteúdos e de alunos por turma são fatores que influenciam profundamente o processo avaliativo.

Observamos também que, embora sejam utilizados outros meios avaliativos, o exame ainda é o meio predominante utilizado para compor a nota, não sendo observados outros fatores, tais como o estado emocional e físico dos educandos, entre outros, que interferem diretamente em seus resultados.

A partir de nossa pesquisa, identificamos outras investigações que não são objetivos desse trabalho, mas podem servir de ponto de partida para outros estudos como, por exemplo, quais as concepções de avaliação da equipe gestora da escola e dos demais professores, além de uma pesquisa de carácter quantitativo, a fim de analisar a realidade de outras escolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, A. C. Entrevista. In: _____. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2008. p. 109-120.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Verificação ou avaliação: o que pratica a escola? In: LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**; 22. ed. São Paulo:

Cortez, 2011, p. 45-60. Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p071-080_c.pdf >. Acesso em: 01 de julho de 2017.

SANTOS, Monalize Rigon; VARELA, Simone. **A Avaliação como um Instrumento Diagnóstico da Construção do Conhecimento nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, 2007. Disponível em: < http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_04.pdf >. Acesso em: 02 de julho de 2017.

SILVA, Janssen Felipe da. Crises e Emergências no Campo da Educação. In: SILVA, Janssen Felipe da. **Avaliação na perspectiva formativa-reguladora: pressupostos teóricos e práticos**, 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 25 - 30.